

Roque Santeiro e a Inversão de Papéis

Um dos objetivos deste trabalho, senão o principal, é tentar demonstrar que a telenovela *Roque Santeiro* e sua fictícia cidade Asa Branca, com seus personagens especiais, formam uma espécie de carnaval eletrônico, nos termos descritos por Bakhtin quando se refere a Rabelais e ao carnaval da Idade Média em seu *Gargantua*, em que tudo é invertido, tudo está de cabeça para baixo; o carnaval visto como uma festa cósmica, pagã, nos termos das festas saturnais romanas, que também se passaram em outras e distantes partes do globo terrestre, onde se celebra o ciclo da vida, com suas estações de preparo, cultivo, colheita, vida e morte, morte e renascimento. Em Asa Branca tudo se parece uma coisa e é outra. Os habitantes de Asa Branca parecem uma coisa e são outra.

Obviamente, estamos falando de inversão dentro do universo fictício em que se passa a novela. O seu grande herói, Roque Santeiro, é um covarde, fujão, ladrão. Seu grande vilão, Sinhozinho Malta, assassino violento, está interessado em salvar a cidade que sabe estar ameaçada pelo fim do mito, representado pela volta de Roque. A viúva Porcina, aquela “que é sem jamais ter sido” é a viúva do herói morto com o qual jamais se casou, mas que na sua volta por ele tem uma paixão tórrida e perigosa para seus próprios interesses, flertando com sua destruição, o que não teria nada de mais, pois seu fim também pode ser seu renascimento em termos saturnais. Dias Gomes nega o mito do herói, pedra basilar de imenso número de histórias literárias desde a antiga Grécia, inclusive em *Iliada* e *Odisséia*, de Homero, em que são heróis Aquiles e Ulisses, respectivamente, como nega ainda mais, a heroína, a mulher pura e inocente que ficará com o herói no final. Já vimos que Porcina é uma fogosa viúva que foi sem jamais ter sido, pois nunca foi noiva de Roque e com ele vive um relacionamento cheio de paixão carnal. A verdadeira namorada de Roque é Mocinha, filha de Florindo Abelha, que casta como sempre foi, ainda o espera contra as evidências, pois a cidade inteira tem certeza que ele morreu. Mocinha durante os dezessete anos da ausência de Roque luta contra a lógica, pois o sabe morto e o espera assim mesmo, pois dentro de si sabe que ele não morreu, apesar da unânime opinião

publica em contrário. Mocinha oscila entre seu amor eterno por Roque e uma sexualidade reprimida de fêmea, que a faz histérica. O autor então faz heroína uma figura caricata, que espera seu namorado durante os dezessete anos de sua suposta morte e jamais o tem na sua volta, pois ele prefere os braços mais quentes de Porcina. Mocinha recusa o amor do Professor Astromar, que por sua vez, é o sábio da cidade nos dias ensolarados e lobisomem nas noites de lua cheia, em quem causa demolidora adoração. Mocinha então também faz um papel que não é o seu: parece ser uma histérica quando é apenas uma mulher apaixonada que esperou a juventude toda pelo homem amado. Mesmo no fim da novela, não passa pela cabeça de ninguém, nem do escritor nem do telespectador que Roque deveria levar Mocinha consigo. O Prefeito Florindo Abelha é muito mais barbeiro do que prefeito, se equilibrando entre as ordens de Malta, que o inventou como alcaide e fantoche, e as de Dona Pombinha, sua esposa autoritária, beata ativa contra o pecado, que acaba tendo que disputar o marido a uma antiga amante, que também volta a Asa Branca. O Professor Astromar Junqueira, intelectual que escreveu a suposta saga de Roque Santeiro e seus heroísmos e milagres, é o intelectual sério e sábio que encanta o povo durante o dia e o apavora nas noites de luas cheias quando se transforma no lobisomem, outro velho mito ancestral e presente no imaginário popular desde sempre, também não importando a existência real ou não. Dias Gomes, em sua autobiografia, vai informar que ele próprio viu vários lobisomens em sua juventude na Bahia.

Os próprios padres não escapam de papéis carnavalescos, aliás, abundantes em Rabelais, inclusive em *Gargantua*, citados por Bakhtin, e nos quais estamos nos baseando para fazer esses comentários. O Padre Hipólito, o padre velho, é conservador e moralista, combatendo diuturnamente a boate *Sexus*, de Matilde e suas meninas, Ninon e Rosaly, como antro de prostituição, que de fato é, porém aceitando, contraditoriamente, o alto dízimo pago mensalmente pela empresária do sexo. O velho padre duvida do milagre de Roque, mas aceita as demonstrações de fé por ele provocada no povo. O jovem Padre Albano, progressista, que luta junto com os camponeses contra a exploração capitalista dos proprietários dos latifúndios, se envolve emocionalmente com Tânia, a jovem filha de Malta, ela própria digna representante da oligarquia agrária e conservadora quanto aos usos e costumes, apesar do discurso pseudoprogressista, pois também não aceita o casamento do pai Malta com a viúva Porcina, por achar que ele já traía a mãe

quando viva, o que a levou à morte. Matilde, a empresária da noite, é boa católica, que paga o dízimo mensal ao Padre Hipólito e que aceita com resignação cristã seus constantes ataques ao seu trabalho, ao mesmo tempo em que explora a juventude de suas meninas, Manon e Rosaly, aliciando-as aos ricos que podem pagar por favores sexuais. Zé das Medalhas, que ficou rico vendendo imagens e medalhas do mito milagreiro, se tornando um industrial que fabrica medalhas e artigos religiosos do mito Roque Santeiro em escala de linha de produção, se apavora com a volta de Roque, mas sua preocupação mesmo é com Lulu, sua esposa, vista como angelical, mas que parece ser apenas uma mulher em busca de um orgasmo, algo que ele não pode aceitar, mesmo que seja consigo, o que vai levá-la a buscar outras opções com outros candidatos. Lulu é uma personagem ambígua, pois quando menina teria visto supostamente a imagem de Roque Santeiro curar uma pessoa doente, e agora, adulta e casada, é vista com certa desconfiança na cidade, porque muitos a preferiam vê-la num convento, pois a entendem santa por ter presenciado o milagre de Roque Santeiro. Então, Lulu, mulher e santa, fêmea e testemunha do milagre, também vive um papel que não é o seu, o de porta-voz do milagre, quando gostaria mesmo de se realizar sexualmente como mulher.

O cego Jeremias, que executa o papel do coro grego executava nas tragédias, ou antes dele ainda, o papel do *aedo* grego, narrador das façanhas dos heróis da comunidade, é o único que enxerga as coisas como elas se passam realmente em Asa Branca. O delegado Feijó, que se limita a cumprir as ordens de Sinhozinho, sonha com uma improvável carreira artística, se vendo mais como um ator do que representante da lei. O próprio bandido oficial da cidade, Navalhada, vive um papel que não o seu real: ele está preso pelo assassinato de Roque Santeiro, por quem foi enganado quando da invasão da igreja da cidade há dezessete anos, cumpre pena por algo que não fez, a morte de Roque, e pelo resgate e roubos de peças sagradas, atos que também não fez. O mito de Roque Santeiro foi feito em cima do crime que Navalhada não fez, o de assassinar o santeiro, e por esse crime ele cumpre pena, que até pode ser justa por outros crimes cometidos, mas não por esse que de fato não ocorreu, pois Roque está mais vivo do que nunca. Não bastasse isso, Navalhada foi enganado, quando da invasão de Asa Branca, por Roque, que o convenceu a ficar com migalhas do resgate, tendo fugido com o grosso do resgate exigido pelo bandido, e levado peças sacras

de alto valor. Então, Navalhada, além de não ser assassino de Roque, por ele também foi enganado, sendo na realidade mais uma vítima do santeiro do que seu algoz.

A equipe da produção cinematográfica, com seu galã cortejando todas as mulheres, seu diretor que pensa acima de tudo em ser feliz com a atriz casada e apaixonada pelo marido canalha, que filma a saga de Roque Santeiro dentro da novela, seus heroísmos, seus milagres, baseada em um roteiro falso, confunde ainda mais os habitantes da fictícia Asa Branca, tornando ainda mais nebulosa a realidade que não querem enxergar.

Roque virou herói e milagreiro por engano e neste engano fez prosperar a cidade de Asa Branca. Carnaval é um evento em que predomina a inversão das coisas, das posições, dos valores, mas em contrapartida, por definição tem duração limitada. Se a inversão for por tempo indeterminada temos a revolução e não mais um desfile carnavalesco. O final do desfile ou da telenovela vai também se basear em outro engano, o de que Roque, finalmente, matou o bandido Navalhada, quando na verdade quem o fez foi Sinhozinho Malta, mas de tal forma que Roque entende ser ele o assassino, só lhe restando fugir da cidade, já que enfrentar a realidade não é seu forte em nenhum momento da trama. Roque foge de Asa Branca para nunca mais voltar e a cidade retorna ao seu normal, isto é, um progressista centro de turismo religioso baseado no mito de Roque Santeiro, dando fim ao desfile de carnaval, fazendo a vida voltar ao seu normal.

Não bastasse a inversão dos personagens na fictícia passarela do desfile carnavalesco que vai eletrizar o país durante oito meses, há ainda outra inversão, qual seja, os principais personagens serão representados por atores que estavam gravados no imaginário do telespectador brasileiro em papéis exatamente ao contrário do que fazem em *Roque Santeiro*. Senão vejamos: Sinhozinho Malta é representado pelo ator Lima Duarte, celebrizado como o cangaceiro, matador de aluguel e rústico Zeca Diabo, da novela *O Bem-Amado*. Não há como ter uma certeza absoluta se são realmente dois papéis ou um só, pois se Zeca Diabo, de repente, tivesse ficado rico seria exatamente como Sinhozinho Malta, violento e terno, matador e doce, autoritário e cômico, disfarçando a calvície com várias perucas ridículas, levando a platéia, isto é, o telespectador, a se perguntar se não estão mesmo numa mascarada. A viúva Porcina, extravagante, toda enfeitada, protótipo da peruca, exagerada na maquiagem, exagerada na roupa, exagerada na

postura com gritos e trejeitos, um verdadeiro carro alegórico, é representada por Regina Duarte, atriz internalizada na mente de milhões de telespectadores como a doce namoradinha do Brasil de inúmeras novelas, a meiga e romântica mocinha comportada com a qual o protagonista se casa no final, bem o oposto da Porcina, cheia de um sensualismo grosseiro, altamente interesseira, que se divide na novela inteira entre dois ou três homens sem nenhuma culpa, só se decidindo em ficar com Sinhozinho Malta no último capítulo. Não bastassem esses dois personagens centrais, há ainda o Padre Hipólito, o padre conservador, representado pelo ator Paulo Gracindo, que tinha se imortalizado na televisão e no imaginário popular como Odorico Paraguaçu, o corrupto e simpaticíssimo prefeito de Sucupira na novela *O Bem-Amado*, que também, se por capricho do destino, resolvesse purgar seus pecados e tivesse entrado em um convento, teria se tornado um padre conservador e contraditório como Hipólito. Não bastasse essa inversão há ainda a inversão da produção do filme onde o feio fazedor de santo é representado por um bonito ator (Fábio Jr) , sonho de consumo de milhões de mulheres; que a escandalosa viúva é representada pela doce atriz Linda Bastos (Patrícia Pillar), que se debate entre um amor bandido, o do marido canalha, e um amor confuso, o do diretor do filme; e que a verdadeira namorada do herói é eliminada por imposição da mulher poderosa da cidade, Porcina.

A partir de Baudelaire, em torno de 1850, começou a se ver literatura de uma forma diferente, em que o belo e o feio poderiam ser louvados, o sublime e o grotesco poderiam ser cantados pelos poetas, então o herói não necessariamente deveria ser puro e imaculado como sempre o fora, e até mesmo passou a ser possível narrar uma história em que o herói fosse um canalha, um anti-herói ou mesmo sequer houvesse herói. Em *Roque Santeiro*, o autor busca discutir a necessidade de um herói em uma comunidade, questionando se tal necessidade é real ou tão somente fabricada pelos detentores do poder. Dias Gomes também busca discutir a necessidade do herói na sua história. Reconhecidamente *Roque Santeiro* se inspira na peça teatral *O berço do herói*, uma história antimilitarista, em que um falso herói de guerra se torna herói da cidade onde nasceu que até adota seu nome e patente, Cabo Roque, havendo um terremoto moral na cidade com a volta do herói supostamente morto, mas que, na verdade, havia desertado covardemente da guerra e se escondido durante anos. Em *O berço do herói*, a solução do autor foi assassinar o Cabo Roque no bordel da cidade numa situação

nebulosa o suficiente sem que ninguém fosse responsável pelo crime, fazendo a paz e a prosperidade voltar à comunidade. No final da novela *Roque Santeiro*, que envolveu o Brasil todo, dando inimagináveis índices de audiência à Rede Globo, o herói parte sozinho aparentemente para a Europa, no avião de Malta, sugerindo que a saída de cena do personagem vivo preservará o mito do herói morto e milagreiro, que fez a prosperidade da cidade e que continuará fazendo por muito tempo, para regozijo dos poderosos que ficam com os altos lucros financeiros, políticos e de vaidade, e também dos pobres, que ficam com as sobras, as migalhas do mito, como guias dos romeiros e turistas, ganham suas gorjetas guardando os carros, e bebem seus goles de cachaças sonhando com produtos eletrônicos. Na cena final da telenovela, em que Roque parte sozinho no avião de Malta, apesar dele imaginar que Porcina iria consigo, ela prefere ficar com o amor antigo, o próprio Malta, há uma clara paródia do antológico filme *Casablanca*, quando Ilsa (Ingrid Bergman) fica com Laszlo (Paul Henreide), herói da resistência francesa, e não com seu grande amor, Rick (Humphrey Bogart), dono do *Rick's Bar*, famoso ponto de encontro em Casablanca, Marrocos, em torno do qual gira a narrativa. Tal final foi visto de forma pejorativa por parte da crítica como pastiche do filme antológico, quando na verdade, no nosso modo de ver, foi uma forma engenhosa de fazer uma citação de forma paródica, como é típico do pós-moderno, ao mesmo tempo alterando o final de *Casablanca* na essência, pois lá a heroína deixa seu verdadeiro amor e parte com seu marido, que tinha uma causa política, a luta pela democracia e liberdade do mundo ocidental contra o monstro do nazismo e fascismo alemão. A entrevista realizada com Marcilio Moraes confirma tal interpretação. A permanência de Porcina é um final absolutamente coerente com a proposta de carnaval continuado que havia em *Asa Branca* quando da volta do herói na cidade.

Com sua partida, o que era falso e invertido volta a ser real, deixando de ser falso e invertido. Roque ausente volta a ser o mito que faz milagre, inclusive o de levantar da cama, no instante de sua partida, seu velho pai, o Beato Salu, que havia entrado em coma, mostrando que o mito e o milagre têm uma sobrevivência acima do racional. Malta volta a ser o coronel “moderno” preocupado com seus bois, com suas fazendas, com suas exportações de carne verde, preocupado com sexo e dinheiro e eventualmente com o amor de Porcina, se dispensando da eliminação física dos inimigos, atividade na qual ele não tem nenhum prazer, só o

fazendo por necessidade imperiosa. Porcina volta a ser aquela “que é sem nunca ter sido” com algumas pequenas adaptações, podendo usufruir do companheirismo e riqueza de Malta, ficando o relacionamento vivido com Roque como se fosse uma lembrança do seu primeiro casamento, que deixa então de ser uma farsa e passa a ser real, porem confinado ao passado. E assim a cidade toda deixa de viver um longo momento de carnaval que perdurou com a estadia do herói na cidade, voltando a ser uma próspera e movimentada cidade, que cresce e se transforma a cada dia, sempre em função e em torno do mito.

Como também não fosse a paródia base para inúmeras obras-primas da literatura universal, inclusive *Dom Quixote*, em que Cervantes pretendia fazer uma paródia do mundo dos cavaleiros andantes e seus antiquados conceitos de amor cortês, devotamente total ao amor de uma mulher, mesmo sem a conhecer direito e se tornou um marco na cultura universal.